

Martins Fontes e os Futuristas

JACOB PENTEADO
(Do Instituto Histórico e Geográfico
de São Paulo)

Quando César Salgado tomou posse de sua cadeira, na Academia Paulista de Letras, referiu-se, em seu discurso, à Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em fevereiro de 1922. Disse que fôra organizada por um grupo de rapazes, alguns de talento, que vestiram uma camisa listrada e saíram por aí, tomado de frenesi demolidor e iconoclasta, a investir contra os recintos onde se encontravam a Beleza, a Harmonia e a Graça. E não se pejavam de cantar: «Nós somos os hominhos do Grupo Gambá, do Grupo Gambá!».

Seu estado-maior era formado por nomes já consagrados, tais como Paulo Prado, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Alfredo Ellis, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Tasso da Silveira, Ribeiro Couto, Cândido Mota Filho, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, Osvaldo de Andrade e outros. No Rio, comungavam com essas novas «idéias» Ronald de Carvalho, Barreto Filho, Raul Bopp, Manuel Bandeira e Murilo de Araújo, para citarmos apenas os mais importantes. Na pintura, apresentaram-se Anita Malfatti, Di Cavalcanti, e Tarsila do Amaral. Na escultura, Vitor Brecheret e, na música, Heitor Vila-Lobos, Ernâni Braga e Guiomar Novaes.

A Semana teve início a 13 de fevereiro, com discurso de apresentação de Graça Aranha, números de declamação, concêrtos, exposição de artes plásticas, no Teatro Municipal, que, embora pareça incrível,



fôra conseguido graças a René Tiollier, da Academia Paulista de Letras, elemento ultra-conservador.

A que visavam os «hominhos»? Apenas a movimento, escândalo, brigas, barulho, vaia. Mário de Andrade, conhecido logo como o Papa do Modernismo, berrava, do palco do Municipal: Vaiem! Vaiem! Se não vaiarem, não continuo!

Segundo a opinião de muitos escritores, e da crítica da época, aquela não foi uma semana de arte, mas uma semana de malasartes. O populacho, com os estudantes à frente, acorria em massa, para divertir-se, para melhor apreciar aquela palhaçada, aquêlê espetáculo inédito, que se efetuava em nosso magno teatro.

Aristeu Seixas assim classificou o movimento: «Verdadeira afronta à nossa sociedade, aos nossos costumes, à delicadeza dos nossos filhos, aos nossos foros de civilizados. Para os corifeus da mistificação, o caso não é estético nem filosófico, mas simplesmente policial!»

Mas os dois acadêmicos citados, a nosso ver, exageraram, pois o movimento modernista brasileiro não podia, também, ser encarado assim, com tanta levandade. Era um reflexo do movimento universal, um problema que tinha suas raízes na confusão do após-guerra, procurando novas idéias, emancipando-se dos velhos cânones literários. Graça Aranha, recém-chegado da Europa, acabara de publicar «A estética da vida». Em memorável discurso, rompe com a Academia Brasileira de Letras, dizendo, entre outras coisas: — Se a Academia se desvia de qualquer movimento regenerador, se a Academia não se renova, então, morra a Academia!

E convida os brasileiros a criarem obra original, nacional: — «Não é para perpetuar a vassalagem a Herculano, a Garrett, a Camilo, como foi proclamado ao nascer a Academia, que nos reunimos. Não somos a câmara mortuária de Portugal». A 19 de junho de 1924, na mesma Academia, pronuncia sua famosa conferência: «O espírito moderno».

Foi uma das mais tumultuosas sessões do velho cenáculo de Machado de Assis. No final, entre grande algazarra, via-se o velho Coelho Neto, transfigurado, batendo com as mãos no peito ossudo, magro, exclamando: — Eu sou o último heleno! Eu sou o último heleno!

Tristão de Ataíde, entre os rapazes, exigia progresso. Graça Aranha nunca pôs os pés na Academia. Faleceu a 27 de fevereiro de 1931.



Monteiro Lobato, o sociólogo, o rebelde, mas artista e escritor já de renome, também não levou a sério o movimento, chegou mesmo a hostilizá-lo, principalmente quanto às artes plásticas, recebendo duras réplicas dos dois Andrades. Dos dois, o mais irreverente era Osvaldo, que tudo ridicularizava.

Alegavam os modernistas, ou futuristas, como logo passaram a ser chamados, que o Parnasianismo se convertera em neo-classicismo, o que significava a volta à filigranagem de estilo e, mesmo, o esquecimento dos problemas comuns, ao passo que o caráter básico do modernismo se preocupava com o social. Castigavam também o Simbolismo, que não passava, para eles, de uma simples inquietação artística, exagerada a preocupação da arte pela arte.

Surgiram, então, várias revistas, para expansão do movimento, tais como «Klaxon», em São Paulo — título que quer dizer buzina, barulho — «Festas», no Rio de Janeiro, «Revista», em Belo Horizonte, «Revista do Norte», em Recife, e «Verde», em Cataguases, Minas Gerais.

Parnasiano passou a ser um termo estritamente pejorativo, tal como, hoje, o é «quadrado», com que os «cabeludos» se referem aos mais velhos.

Mas, embora muitos condenassem frontalmente e a considerassem improdutivo, a Semana produziu seus frutos, mais tarde, com o surgimento do **Verde-Amarelo** (1924), que, infelizmente, influenciou o Integralismo, de Plínio Salgado, com suas camisas verdes, marcação do fascismo e do nazismo: o **Pau-Brasil** (1924), o **Antropofagismo** (1928) aparecendo, a seguir, os escritores e poetas das gerações de 1930, 1940 e 1945, que tantos grandes vultos deram às nossas letras.

Mário de Andrade (Mário Raul Moraes de Andrade), nascido em São Paulo, a 9 de outubro de 1893 e falecido a 25 de fevereiro de 1945), foi, realmente, o grande animador do movimento. Foi o mestre. Poeta, ensaísta, polígrafo, contista, romancista, musicista, crítico literário e musical, mereceu bem o título de Papa do Modernismo. Lançou muitos valores. Foi, praticamente, o descobridor de Brecheret, que modorava num cômodo, grátis, no Palácio das Indústrias, onde guardava seus calungas. Viera de Roma, onde fôra aluno do famoso Maestrovic. Mário dele adquiriu uma «Cabeça de Cristo, que scandalizou seus parentes. «Onde se viu um Cristo de trancinhas!» Brecheret é autor de Eva, Caxias e do Monumento às Bandeiras.

Martins Fontes, a princípio, demonstrou indiferença pelo movimento. Talvez não o levasse muito a

sério, atribuindo-o a um grupo de rapazes que desejavam aparecer, tomar uma atitude diferente. Convidado para integrá-lo, recusou. Mas, na qualidade de discípulo dileto do Príncipe dos Poetas, do maior lírico erótico da nossa literatura, sonetista lapidar, que escreveu sempre no mais puro vernáculo, passou a ser visado pelo grupelho iconoclasta e demolidor. Então, reagiu, e pagou com a mesma moeda, fustigando os «gambás» na pessoa do seu **condottiere**, com palavras candentes, como só ele sabia dizer-las, quando provocado.

Os ânimos chegaram a ficar exaltadíssimos. Havia muita eletricidade no ar. E a coisa pegou fogo quando Martins Fontes publicou «Arlequinada», fantasia funambulesca em um ato, no mesmo ano de 1922. Foi representada, em Santos, a 4 de junho, no 1º aniversário do Jôquei Clube Santista. Os personagens: Colombina de Watteau, Pierrot de Villette e Arlequim de Gavarni, foram encarnados por Zilota Assunção, Martins Fontes e Odécio de Camargo, respectivamente. Antes da peça, como era hábito, então, houve um ato de variedades, com o seguinte programa: **O minuete**, de Gonçalves Crespo, por Júnia Silveira, filha de Waldomiro Silveira; **Fala de Sua Eminência o Cardeal de Montmorency**, da «Ceia dos Cardeais», de Júlio Dantas, por Arquimedes Bava; **Balada de Pierrô**, por Velsírio Fontes; **Madrigal Azul Sévres, Velho Tom**, de Martins Fontes, por Virgínia Rocha; **Uma anedota do século XVII**, contada ao sabor do tempo, fantasia de Catulle Mendés, por Zilota Assunção.

Fontes sempre teve predileção pelo teatro. Possuía dotes marcantes como ator, principalmente como declamador. Quando da visita de Júlio Dantas a Santos, o Poeta fizera o papel do cardeal espanhol, tendo Ciro Costa como o cardeal francês e Alexandre Cardoso no do português.

Os «gambás do Anhangabaú», na sua revista «Klaxon», no número 8-9, de dezembro de 1922, em artigo assinado por Mário de Andrade, desfecharam uma crítica desalmada, cruel e injusta contra a obra em tela. Digamos de passagem que essa revista teve a efêmera das rosas de Malherbe...

Em tom jocoso, satírico ao extremo, procurando parodiar os neologismos do magistral poeta, assim se manifestou o Papa:

Martins Fontes — «Arlequinada» — Edição do Instituto Escolástica Rosa — Santos-1922.

«O alaridal dr. Martins Fontes, mãe dos poetas brasileiros (expressão segundo me comunicaram do

próprio médico), publicou, com pequeno intervalo, dois trabalhos de feição totalmente diversa: **Marabá** e **Arlequinada**. Deixo o primeiro poema para um dia de mais pachorra. Praz-me agora dizer unicamente de «Arlequinada» — fantasia funambulesca mimo».

«Há um passo realmente engraçado no poema. Arlequim «cantareja»:

«Mamam os filhos às vêzes
sem parar, sem ter canseira.
Mamam na mãe nove meses
e no Pai a vida inteira».

«Para mim o distinto esculápio quis aludir à sua própria musa, palreira e espavental. Com efeito, a Musa do dr. Martins Fontes ficou a mamar em seus pais: «Banville e Mendés gloriosas», e mais Edmond Rostand. Sentiu-se tão bem assim, arta, bifarta, centifarta, multifarta, que não se preocupou de ir para diante; e lá ficou, atrasadota, ramerrâmica e pernóstica, a sugar e resugar as murchas mamas dos aludidos pégasos.

«Era pois natural que a impante dama exultatiz sentisse, ao chupar tais mamas simbólicas e alcoólicas, as cólicas estrambólicas e não-me-amólicas, cuja explosão, incrível e plausível de «Arlequinada».

«A carreira ascensional do dr. Martins Fontes está inegavelmente concluída. Depois destas duas obras colossais, com que fogo-de-artifício o Centenário Independenziz e brasilia, só uma fôlha o merece: a «Revista da língua, quinhentista Portuguêsa». Com efeito, conhecimento nítido e louvável da língua. Vocabulário extensíssimo. Habilidade fora do comum em construir neologismos regulares. Espírito também regular. Instrução também regular. Mas tudo isso somado, multiplicado, não dá Poesia, oh não!

«Como profissional do verso medido, o popular médico decaiu. Há, o que é pior, batidos, martelados. O hemistíquio ribomba, nítido, implacável. É sem dúvida o entusiasmo pela lusa poética, guerra junqueira e juliodantal que lhe roubou a saborosa elasticidade que o alexandrino adquirira no Brasil. Quanto às rimas... são desesperadamente esperadas.

«Quando Arlequim aparece, quis o dr. Martins Fontes meter-se em versos de metros vários. Foi um desastre. Raro conseguiu um ou outro efeito rítmico interessante. Desiluda-se o aplaudido alopata. Continue no alexandrino e octossílabo, que são mais fáceis. Deixe o ritmo dos versos de metro várias para os poetas. Este gênero requer uma sensibilidade finíssima, que o dr. infelizmente não possui. Possui, e

em abundância, essa rima rica, sensibilidade que se chama a sentimentalidade.

«Provou-o sobejamente em Harxbá — mulatinha nua, enfeitada de penas, com o qual o corajoso dr. teve, em pleno salão de festas, no Palácio de Pazm, em Haia, diante de quatro damas educadíssimas, um colóquio amoroso e beijocal. Com fraqueza, sentimentalismo que confina à indecência.

«Somos fazemos mal as Musas aos doutôres! Homens honestos, bem educados, até simpáticos; cidadãos, enfim, dos quais o Brasil espera que cumpram seus tão claros deveres... Mas lá começam a mamar o leite, nem sempre digestivo dos pais, e é isso: os doutôres enegrecem suas carreiras burguesas, dignísimas, com a fábrica toliz, bobiz, chinfrim e chafariz das arlequinadas.

É HORRORAL, ABRENUNCIAL E VADERETRIZ!

«Fôrça é pois vaiar, fiaufiauzar, ovopodrizar, nestas linhas, tão alaridal mamata.

Mário de Andrade».

Foi uma grande injustiça tal crítica, tão cruel e tão repleta de inverdades. Mas os «gambás» queriam apenas destruir, na sua impenitente iconoclastia. E tomaram para alvo justamente o poeta menos parnasiano dos parnasianos. Mário serviu-se de apenas um trecho de «Arlequinada», de umas frases esparsas, em que o personagem caricaturizado fala. Citou um trecho, dando a entender que o todo era assim, o que é comum nas sátiras e nas apreciações maldosas.

Martins Fontes, de fato, tinha predileção pelas palavras terminadas em **al**: firmamental, setembral, lirial, auroral, verdeal, aromal, resodal, piramidal, alaridal, fantasmal, fotofulgurar, ou pelas terminadas em **triz**: encantatriz, fulminatriz, deslumbratiz, perpetuatriz, osculatriz, sedutriz, libertatriz etc. Usava, ainda, e abusava, dos neologismos, para espanto e tormento dos puristas portugueses. Enfureceu-se com a verrina. Chegou mesmo a escrever dois sonetos contundentes contra Mário de Andrade. Mas não os publicou. Passado o primeiro impulso, perdoou seu inimigo gratuito, tamanha era sua grandeza de alma. Tais sonetos, hoje, pertencem apenas a um reduzido grupo de amigos do Poeta. Nós mesmos não os publicamos, quando do lançamento de «Martins Fontes, uma alma livre». Mas, como já se passaram tantos anos desde sua morte, oferecemos, agora, aos leitores desta revista, este prato tão saboroso, por onde poderão ver que o Poeta era magistral em tudo, até mesmo quando fugia do lirismo e do sentimentalismo. Leiam:



O Futurista

Que cabra feio! Mas que horrendo cabra!
Que medonho mulato de lunetas!
Em cuja focinheira, gorda e glabra,
Há, disfarçadas, várias cousas pretas.

E essa feiura torna-se macabra,
Alcança a pestilência das sarjetas,
Desde que o dique das asneiras abra,
Desde que o bestunto abra as gavetas.

Devia ser lei, ser obrigado
A andar, a vida inteira, mascarado,
Quem ofende os preceitos da moral,

Porque êsse cara, de beijorra em ponta,
Mais do que desafôro ou que uma afronta,
É uma pouca vergonha nacional.

O Mulato

Mulato quer dizer: filho de mula,
Ou de bastarda, estéril mestiçagem,
Seja o produto vil, côr de aniagem,
Aça, cabrocha, sarará ou fula.

A mistura de prêto e galegagem,
Entra pela epiderme até à medula,
E, por fora e por dentro, se intitula
Flor do abacate ou da capadoçagem.

Tudo quanto é sarjeta ou que há de reles,
Mostra na fedorência, tem nas peles
Da cara ou dos escrotos, côr de rato.

O maior desafôro que se pode
Dizer a alguém, não é chamar-lhe bode,
Touro, cavalo ou cão, porém — mulato!

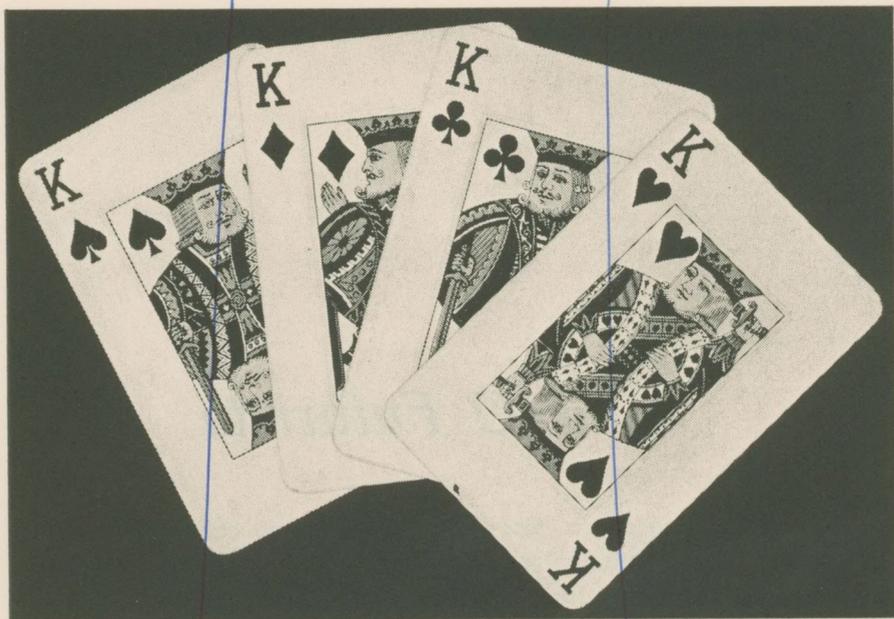
Quem conheceu Mário de Andrade há de concordar que a caricatura obedece ao original. Martins Fontes jamais teve pruridos de racismos. Não nascera

em Dallas, Texas, mas, sim, na libertária cidade de Santos, onde nunca houve preconceito de côr. Basta dizer que Martins Fontes, «o irmão de tôda gente», contava, entre seus numerosos amigos, a quase totalidade da bela cidade praiana, muitos homens de côr. Sua admiração por Paulo Gonçalves, ao qual beijava em público, beirava a idolatria. Mas a referência à côr, nos dois sonetos, foi para mexer mesmo com a sensibilidade do seu agressor que se irritava quando faziam alusão à sua tez. Embora filho de pais branco, era bem escuro.

E assim ficou encerrado o capítulo da rivalidade, da forte animosidade que surgira entre dois dos maiores expoentes da cultura paulista, e brasileira, de todos os tempos. Ambos foram grandes, cada qual no seu setor, na sua especialidade, mas o Poeta foi maior, pelo seu belo coração, que nunca soube odiar. Como é bom ser bom...

«Refocilar nas Cartas...»

ARMANDO PISÁPIO



QUADRA DE REIS — Júlio César e Alexandre da Macedônia (ouro e páus), contrariando os costumes da época, são vistos de bigodes, o que não ocorre, acertadamente, com Carlos Magno (copas).

A frase acima relembra, sempre, para mim, a figura de um diléto amigo: O saudoso dr. Heitor, nosso ex-presidente, há pouco desaparecido.

Era êsse, o sentido exato que dava e impunha às cartas de jogar, porque inspirava-se sempre na finalidade meritória de quem as fêz, realmente, para refocilar, re-crear e divertir.

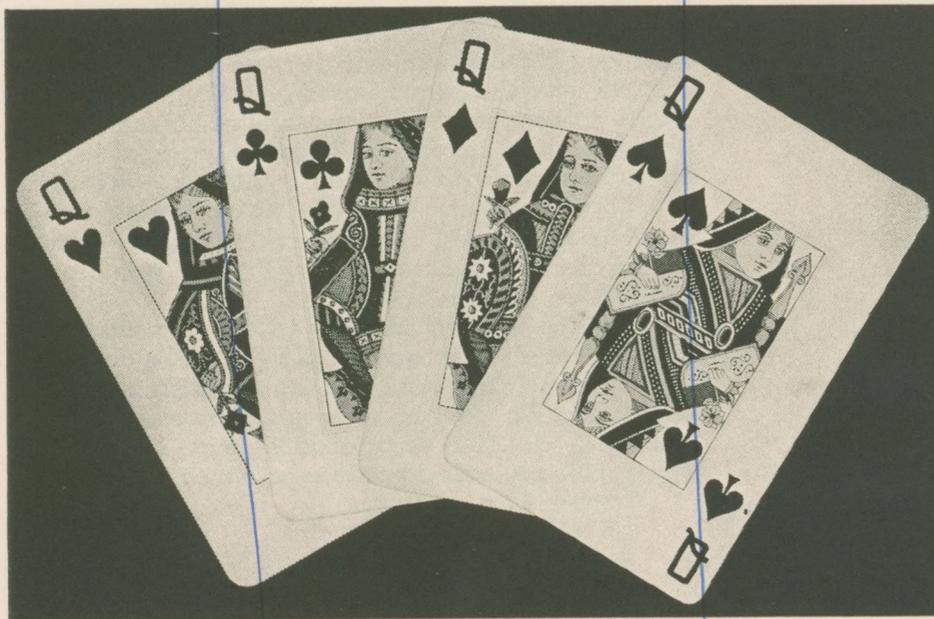
Poucos o sabem, entretanto.

Mas, quem se dispuser a analisar as cartas ilustradas, ricamente vislumbrando figuras históricas e até bíblicas, facilmente chegará àquela confusão.

Infelizmente, do seu autor pouco se sabe, já que ficou quase no anonimato e perdeu-se no esquecimen-

to, por clamorosa injustiça, quando, como consequência delas e por muito menos, John Mantagu, — Lord Sandwich —, que pertencia ao Clube «Fogo do Inferno», de Londres, cujos aristocráticos sócios, promoviam verdadeiras badernas e orgias, como um explorador do sortilégio das apostas, e sem abandonar o seu pôsto no pano-verde, colocando fatias de carne entre dois pedaços de pão, universalizou-se, varando os tempos e chegando até nós, com seu nome ligado à êsse eventual invento que, na pretensão do seu autor foi, inclusive, legado à sua terra, a Inglaterra, em testamento.

Várias lendas são conhecidas sobre a origem das cartas ilustradas.



QUADRA DE DAMAS — Tôdas empunhando uma flor, mais Palas Atena (espadas) com o cetro real, que deveria estar com Isabel, a rainha virgem (páus).

Observ.: — Há pouco, procurando corrigir, os últimos fornecedores do Clube, tiraram o bastão também de Palas Atena, mas desapareceram com êle, ajudando, assim, a mutilar a História.